

AFRÂNIO COUTINHO

Ao receber da Academia de Letras da Bahia a honrosa missão de falar sobre Afrânio Coutinho, sócio correspondente dessa instituição, deparamo-nos, de imediato, com a dificuldade maior de buscar uma síntese diante de assunto já tão bem e tão amplamente tratado e por pessoas tão mais credenciadas para tal.

Relendo ensaios publicados sobre o mestre baiano, reunidos sob o título de Miscelânea de Estudos Literários, editados quando da comemoração de seus 70 anos de idade e 50 de vida literária, ou os textos, por ele mesmo selecionados, para uma publicação que pretendíamos ter realizado ainda em vida do homenageado, mas que, infelizmente, até agora não nos foi possível viabilizar, de repente nos demos conta de que sua imensa fortuna bibliográfica, longe de ser uma contribuição ao nosso esforço, poderia vir a tornar-se mais um agente inibidor, diante da tarefa que se nos afigurava – ou melhor se nos afigura – de tanta responsabilidade.

Não fosse pela admiração ao intelectual e homem de letras Afrânio Coutinho e pela ternura e carinho que dedicamos à sua família, possivelmente, a timidez nos fizesse recuar, declinando desse privilégio, para que outros, melhor capacitados, pudessem traçar o perfil do mestre de forma mais segura e provavelmente mais detalhada.

Acreditamos não restar a menor dúvida quanto à importância de Afrânio Coutinho na história da Literatura Brasileira. Como também julgamos ser consenso geral que ele foi um baiano que honrou a Bahia e ampliou seu horizonte cultural à medida em que mais ia se fortalecendo seu prestígio e sua influência nos meios acadêmicos e culturais do país.

Afrânio Coutinho foi um mestre! Afrânio Coutinho foi um mestre da Bahia que, tendo se projetado, inclusive internacionalmente, através de sua obra, manteve por toda sua longa e produtiva existência, um laço permanente com sua terra e sua gente baianas.



Quando, em solenidade na Reitoria da UFBA, em 1981, lhe foi outorgada a láurea de Doutor Honoris Causa, Afrânio Coutinho foi saudado por David Salles, igualmente professor, crítico e escritor, como um filho pródigo que regressasse à casa com as mãos carregadas de oferendas, testemunhando desse modo que, mesmo ausente, não se desligara de sua terra natal e que para ela sempre reservara as primícias da colheita.

Belas palavras de um dos mais talentosos intelectuais da nova geração, infelizmente tão cedo levado do nosso convívio. Palavras sábias, de quem conhecia suficientemente o mestre e amava demais o seu ofício para enganar-se nessa afirmação.

No entanto, esta imagem do Filho Pródigo, sempre tão presente no imaginário de todos nós, vem nos suscitar uma série de considerações que, embora possam parecer apenas tangenciar o objeto da nossa admiração, vem ao encontro de uma temática que poderá vir a constituir-se em fio condutor de nossas argumentações.

Afrânio Coutinho deixou um dia a casa paterna partindo em busca de horizontes mais amplos, de novos e ilimitados caminhos, onde pudesse realizar seus sonhos mais secretos.

Como tantos outros jovens, ambiciosos e sonhadores, avaliando as condições estreitas da província e o pouco que lhe poderia oferecer em troca do que ambicionava realizar, resolveu, não sem os embates costumeiros entre a dúvida e a razão, desfazer-se da quentura do ninho lançando-se aos espaços vazios da aventura e do risco.

Foi na década de quarenta e a decisão de partir, segundo depoimento do próprio Afrânio, foi tomada, após muita hesitação, numa manhã, na praia da Barra, bairro de sua predileção.

Até aquele momento, sua vida tinha sido um remansoso manancial de alegrias e tranqüilidade. Nascido e educado no seio de uma família bem formada, com um legado de bons exemplos e aprimorada educação, enraizada nos costumes da melhor tradição da Bahia, educado em bons



colégios, onde mestres renomados cedo lhe reconheceram o talento e a aplicação nos estudos, logo manifestou-se nele aquele irresistível pendor pelos livros que iria acompanhá-lo a vida inteira.

Ingressando aos 15 anos, após brilhantes preparatórios, na emérita Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, centro das mais florescentes vocações intelectuais, reconhecido como o grande celeiro da inteligência e da cultura, seu destino, no entanto, não seria a medicina, mas a literatura, onde sua vocação humanista iria encontrar terreno fértil para desenvolver-se em plenitude.

Dos estudos de medicina ficou-lhe, talvez, o rigor do diagnóstico, o exame detalhado e preciso do assunto, mediante a observação e a pesquisa. Rigor que iria norteá-lo sempre, nas suas posteriores interpretações do fenômeno literário.

Era então o jovem Afrânio mais dedicado aos livros da biblioteca da Faculdade do Terreiro de Jesus, da qual fora nomeado bibliotecário, logo após a formatura, do que à prática da medicina.

Aos 31 anos, já casado com Wanda de Faria e exercendo a cátedra no colégio de Anfrisia Santiago, sentia-se mais e mais propenso a mergulhar no universo fascinante da literatura abandonando a clínica médica da qual estava, cada vez mais, a afastar-se.

Em 1942, a indicação do grande amigo, Otávio Mangabeira, então residindo nos Estados Unidos, como exilado do governo Vargas, para redator-secretário de *Seleções*, da Reader's Digest, em Nova York, deu-lhe a oportunidade de partir, deixando para trás a cidade de seu afeto e os amigos e parentes, com os quais convivia em harmoniosa relação.

Porque é preciso que se diga que Afrânio Coutinho era um homem de profundas raízes familiares e benquerença constante. O sentimento que sempre demonstrou em relação aos vínculos de amizade e parentesco pode ser atestado no permanente diálogo e no apoio que sempre mereceu não só de sua própria família mas, igualmente, dos parentes de seu



coração, a família do Dr. Rogério de Faria, seu sogro do primeiro matrimônio, estima que fez questão de cultivar através do tempo, mesmo após o desaparecimento, em 1965, de sua querida esposa Wanda, companheira e cúmplice de suas aventuras literárias.

Desta união, perfeita sob vários pontos de vista, guardou para sempre uma saudade e um permanente e respeitoso afeto. Respeito e afeto, aliás, que sempre presidiram as relações entre Afrânio e os filhos, Eduardo e Graça, que souberam tão bem compreender a grandeza de seu talento e a enorme, quase quixotesca tarefa que se impôs, de mudar conceitos e transgredir normas ultrapassadas dos que pretendiam reduzir a crítica literária a um mero exercício superficial que privilegiava os aspectos ornamentais do discurso em detrimento da análise do texto.

Mais tarde, a esta harmoniosa constelação familiar, vem juntar-se uma outra força afetiva, dando novo sentido à sua vida amorosa, levando-lhe carinho e companhia até os últimos momentos. Sônia Maria, com quem esteve casado desde 1986, e cuja juventude, simplicidade e ternura vem completar o quadro de sua existência fecunda e feliz.

Este sólido pedestal familiar foi muito importante porque proporcionou os meios e a tranqüilidade necessárias para que esse incansável guerreiro pudesse conduzir as suas batalhas – e foram muitas – contra o obscurantismo e o preconceito com a certeza de que, qualquer que fosse o resultado, haveria sempre um porto seguro para retemperar as forças e continuar sua cruzada constante em defesa de novas crenças e novos métodos de trabalho.

Deste modo, ao atender ao convite de Otávio Mangabeira, mudando-se com a jovem esposa e os filhos pequenos para um país distante, num período difícil para o mundo, em pleno apogeu da 2ª Guerra Mundial, o fez com a consciência de que, ao deixar para trás sua cidade tão amada,— o aprazível bairro da Barra com suas ruas sombreadas de mangueiras e ficus benjamim, suas balaustradas brancas debruando o mar da Baía de Todos os Santos, a enseada do Porto, de águas frias e claras, onde



costumava banhar-se à sombra de dois monumentos veneráveis, o forte de São Diogo e o de Santa Maria, abençoado pelos sinos da igreja de Santo Antonio, no alto de sua ermida,— o fazia com a dor profunda da despedida mesclada à convicção de que, assim, estaria indo ao encontro do que acreditava ser o seu destino.

Em Nova York foram cinco anos de trabalho intenso e aperfeiçoamento cultural em várias universidades americanas, ao tempo em que fazia-se divulgador da literatura brasileira, através de cursos e conferências.

Ao regressar ao Brasil, fixando-se no Rio de Janeiro, então centro absoluto da inteligência nacional, dedica-se a por em prática idéias e procedimentos que vinha aprimorando desde que, ainda nos Estados Unidos, tomara conhecimento das novas tendências da crítica literária através do estudo das correntes renovadoras do formalismo eslavo e da *new criticism* anglo americana. Nascia nesse momento a “nova crítica” que ele buscou divulgar amplamente através do Diário de Notícias do Rio de Janeiro, onde mantinha a seção “Correntes Cruzadas”, de 1948 a 1961, em *A Literatura no Brasil* e em outros livros em que desenvolve amplamente suas idéias.

Em 1951, ao efetivar-se por concurso de títulos e provas na cátedra de literatura do Colégio Pedro II, lança mais uma vez os alicerces de uma nova e importantíssima contribuição aos estudos literários em nosso país ao concluir, de forma pioneira, em tese que alcançou grande repercussão à época e pode se considerar fundamental, a presença e a importância do barroco na formação de nossas letras. Ao provar que a literatura brasileira começa a existir realmente, enquanto expressão nacional, no séc. XVIII, com Gregório de Mattos, Antônio Vieira e outros menos conhecidos, mas não menos importantes, Afrânio Coutinho promove uma revolução no ensino da literatura e um terremoto nos arraiais da crítica estabelecida.

Nesse mesmo ano inaugura a cadeira de Teoria e Técnica Literária, primeira iniciativa do gênero no Brasil, na Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette. A partir daí seu currículo se enriquece cada vez mais,



com iniciativas de importância e títulos conquistados, entre os quais, para não nos estendermos em demasia, citamos apenas: doutor em letras clássicas e vernáculas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; criação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro; membro do Conselho Federal de Educação e membro da Academia Brasileira de Letras, além de professor visitante das Universidades da Columbia (Estados Unidos) e Colônia (Alemanha) e de universidades francesas, a convite do Ministério das Relações Exteriores da França, e alemães, pelo DAAD.

Detentor de vários prêmios importantes, autor de obra consagrada, gostaríamos de destacar, nesse momento, uma iniciativa impar que foi a criação da OLAC – Oficina Literária Afrânio Coutinho, que funcionou durante 13 anos (de 1979 a 1992) em sua própria casa, à Rua Redfern, 41, Ipanema; um centro de estudos e pesquisa, tendo por base a sua famosa biblioteca, com cerca de cem mil volumes, tesouro pacientemente reunido desde os tempos de estudante, quando juntava o dinheiro da mesada para comprar livros de literatura.

Essa grande biblioteca foi, posteriormente, incorporada ao acervo da biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, também criada por ele e reconhecida como a mais completa do gênero no país. Foi nessa Oficina, onde tive a honra de ser recebida pelo mestre, que teve início o processo de catalogação e fichamento da obra monumental que é a Enciclopédia de Literatura Brasileira, fundamental para o conhecimento de nossas letras.

Nessa ocasião, de passagem pelo Rio de Janeiro, telefonamos para o mestre afamado e, timidamente, expressamos o desejo de visitar a OLAC, recentemente aberta ao público, para conhecer melhor suas instalações e seus propósitos. Afrânio, generosamente, nos recebeu com o maior entusiasmo e o carinho tão inerente à sua sempre proclamada baianidade.

Foi comovente para nós presenciar a paixão com que ele falava de seus projetos, dos cursos e dos trabalhos ali desenvolvidos, paixão que em



nenhum momento o abandonou, mesclada com o sentimento das dificuldades de uma tal empreitada num país que, infelizmente, ainda não aprendeu a amar, suficientemente, os livros.

Dessa tarde, já meio perdida nos longes da memória, guardamos para sempre um sentimento de gratidão e de orgulho por fazermos parte, embora modestamente, dessa grande família literária.

Como afirmamos, no início dessa fala, não é nossa pretensão abordar o assunto pelo viés do conhecimento, mas pelo atalho da emoção.

Recordar Afrânio Coutinho, não como a mitológica figura da crítica brasileira no século XX, sempre pronto para o combate, defensor intransigente de seus pontos de vista, que revolucionaram os estudos de Letras, transformando a crítica literária numa quase ciência, mas o Afrânio Coutinho, companheiro de jornada, apesar das diferenças — de idade e de importância.

Lembrar este nome, Afrânio Coutinho, sempre pronunciado com respeito e carinho em nossa casa por conta de meu pai, seu contemporâneo na Faculdade de Medicina e, como ele, um apaixonado pelos livros, mas não a ponto de trocar Esculápio por Apolo, ou na casa de minha avó materna, em razão do parentesco, nesse doce entrelaçar-se das famílias baianas, sendo uma de minhas tias, Bernadette, casada com um cunhado de Dr. Rogério de Faria, sogro de Afrânio.

Na casa aprazível, cercada de varandas, ao pé da colina do Hospital Espanhol, onde moravam os Faria, casa alegre e hospitaleira, Afrânio era reverenciado e admirado como um patrimônio da família.

Ao contrário de muitos, que ao imigrarem esquecem sua terra natal, Afrânio manteve sempre laços afetuosos não só com a família mas com os jovens conterrâneos que ingressavam no difícil terreno do labor literário: sempre disposto a ajudar, a ouvir, a encaminhar.

Mesmo à distância, estava sempre atento ao que fazíamos e mais tarde, ao encontrá-lo, não mais como personagem mítico da infância, mas como,



guardados as proporções, oriundos de uma mesma tribo, foi como se reencontrasse um amigo de sempre: carinhoso, atento, interessado. Essas qualidades, que tivemos a honra de partilhar, tornam sua lembrança um inestimável patrimônio.

Costumamos afirmar que nossas maiores alegrias, nossos amigos mais queridos, nossas mais profundas admirações, foram conquistadas através da literatura. Se para mais nada valesse nossa modesta dedicação à seara das letras, valeria pelo permanente encantamento de, através de seus atalhos, termos encontrado figuras tão especiais como Afrânio Coutinho, Jorge Amado, Adonias Filho e outros companheiros, uns mais próximos, outros distantes, alguns ainda presentes, outros já fazendo parte da memória, através da recordação e da saudade.

Recordações inesquecíveis, como a que guardamos de um raro e especial momento, em 1989, quando assistimos, no arquipélago de Açores, à entrega do Prêmio Camões ao grande Miguel Torga; dias de encantamento, de amizades renovadas e prazer espiritual, de longas conversas na alegria do reencontro, moldurados pela magnífica paisagem de Ponta Delgada, do espetáculo das fumarolas e das hortênsias cor de vinho, na ternura da hospitalidade açoriana.

Ali, em oportunidade histórica, estiveram reunidas personalidades emblemáticas fazendo com que os finos ares da ilha, batida pelos ventos do Atlântico, se adensassem com a irradiação de tantas estrelas: Jorge Amado, Adonias Filho, Mário Soares, Maria Barroso, Violeta Arraes, João Condé, Herberto Sales, Maria de Lourdes Belchior, Zélia Gattai, Antônio Alçada Baptista, Nuno Lima de Carvalho, José Aparecido de Oliveira, Sônia e Afrânio Coutinho, em alegre e harmoniosa convivência, prestando merecida reverência a um dos maiores escritores da língua portuguesa no séc. XX – Miguel Torga, o ermitão de Traz os Montes, conhecido pelos modos reservados e pelo temperamento avesso a rapapés, rendido pelo calor fraterno dessa homenagem em que estava patente a admiração irrestrita e o respeito ao talento e à retidão moral do homenageado.



Nessa mesma ocasião, já de volta ao continente, lembramos com saudade as longas caminhadas pelas ruas de Lisboa, sempre pontuadas pela conversação amena e pelos ensinamentos destilados aos poucos, suavemente, como um perfume discreto que aspirássemos quase sem sentir.

A última vez que vimos Afrânio Coutinho foi numa tarde de quinta-feira, na Academia Brasileira de Letras, onde estávamos representando o Professor Cláudio Veiga, Presidente da Academia de Letras da Bahia, por ocasião do centenário da casa de Machado de Assis.

Pesava-lhe a idade, os estigmas da velhice, que por tantos anos conseguira afastar, tinham finalmente abalado a firmeza que nos acostumáramos a acreditar eterna. No entanto, apesar da cadeira de rodas e de alguns lapsos de memória, era ainda o mesmo Afrânio, o velho e querido amigo que nos acolhia, como sempre, com carinho e alegria.

Naquele momento, ao vê-lo cercado pelos confrades, amparado pela companheira dos últimos anos, cuja beleza e alegria encantavam-lhe os dias, mesmo sabendo que aquele seria, provavelmente, nosso último encontro, antes que a Indesejada das Gentes cumprisse sua parte, ao recordar-lhe a existência, tão profícua e venturosa, não sentimos desgosto ou aflição alguma, mas apenas um misto de respeito e resignação diante do inevitável.

Myriam Fraga
Academia de Letras da Bahia